



JUVENTUDE OTAKU: A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO A PARTIR DE UMA LEITURA SOBRE O POP JAPONÊS¹

Felipe de Oliveira e Silva (PPGCS-UFU)²
Alessandra Siqueira Barreto (PPGCS-UFU)³

A organização social através do gênero

Quando nos referimos a gênero, queremos falar sobre todo um conjunto de elementos que constituem e identificam o ser social. Contudo, a categoria não é unânime. Muito pelo contrário, gênero é uma categoria tão carregada de sentidos e ao mesmo tempo tão opaca que a própria discussão de sua existência seria o suficiente para esgotarmos todo o espaço que possuímos neste artigo.

Contudo, em linhas gerais, a categoria gênero ganha força nos debates com os movimentos feministas da década de 1970. Põe-se em cheque a construção do feminino e do masculino na nossa sociedade, visto que se parte do pressuposto que são categorias socialmente construídas e relacionais, vale dizer, não é possível pensar o feminino sem o masculino (TAVARES, 2010; BUTTLER, 2003). Papéis sociais como masculino e feminino são também historicamente construídos. Somos indivíduos em corpos sexuados, mas não somos determinados pelo sexo que carregamos. O que é ser homem e o que é ser mulher é construído ao longo de nossas vidas através de relações sociais (SCOTT, 1990).

Mesmo a categoria gênero sendo relacional, socialmente e historicamente construída, ela adota construções diversificadas e até mesmo divergentes. A nossa sociedade está estruturada em relações unilaterais de gênero, vale dizer, há uma preponderância de um gênero sobre os demais. Não precisamos ir longe para concluirmos que vivemos numa sociedade um tanto quanto “androcêntrica”. Não é errôneo dizer que os homens possuem mais privilégios em nossa sociedade, isso porque uma das principais desigualdades em relação ao tratamento de gênero é a institucionalização de aspectos culturais que privilegiam elementos e ações relacionadas à

¹ Uma versão desse trabalho foi apresentada no IV Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira.

² Mestrando (bolsistas CAPES) em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGCS). Desenvolve pesquisas acerca do universo da cultura japonesa, com tangenciamentos em discussões de gênero, sociabilidades, mediações e juventudes. Contato: felipewavemaster@gmail.com

³ Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCS)



masculinidade, orientando-se por eles, e, conseqüentemente, desvalorizando o que está na esfera do feminino (FRASER, 2002). Os atributos que ganham destaque são aqueles voltados para o masculino e os femininos ou demais padrões desviantes são menosprezados. Dessa forma, o masculino encontra-se em relação de superioridade, uma relação de poder e dominação, quanto ao feminino e outras formas construídas de gênero. O homem é capaz de dominar as mulheres e também outros homens, pois nele reside todo o foco da sociedade e seu poder financeiro, moral ou simbólico (BOURDIEU, 2003). Assim, em nossa sociedade, dominam os Grandes Homens, aqueles de poder material, simbólico e cultural. São homens que dominam, seja pela força ou não, outros homens e mulheres (WELZER-LANG, 2001). Contudo, mesmo que existam homens dominando homens, os homens ainda dominam as mulheres. Nessa organização tríade as mulheres ainda estão em desvantagem, isso porque os elementos constituintes da esfera do feminino são remetidos a um segundo plano de consideração, quando sequer considerados.

Realmente, não seria exagero comparar a masculinidade a uma nobreza. Para convencer-nos disso, basta observar a lógica, bem conhecida dos cabila, do *double standard*, como dizem os anglo-saxões, que instaura uma dissimetria radical na avaliação das atividades masculinas e femininas.” (BOURDIEU, 2003:73)

Essa construção de gênero está pautada por uma norma heterossexuada. Quando levamos em conta as normas vulgarmente tidas como "desviantes", independentemente de serem homens ou mulheres, temos um novo panorama, constituído e ordenado, sobretudo, quanto à sexualidade. Assim, como gênero engloba também as sexualidades, podemos considerar o seguinte quadro:

Quadro 01: Classificação de gênero

Gênero/Sexualidade	Ordem Normativa
Grandes Homens	Padrão Heterossexual
Homens	
Mulheres	
Homossexuais, Bissexuais, Transgênero, Transex etc.	Padrão “Desviante”

Pelo quadro, podemos observar a estrutura de gênero: Grandes Homens dominando todos os demais abaixo deles, homens dominando as mulheres; e Grandes Homens, Homens e Mulheres, pertencentes a uma norma heterossexuada, dominam os demais abaixo deles. Certamente, dentro do padrão “desviante”, poderíamos também gerar formas hierarquizadas, visto que um homossexual masculino, portanto, homem, ainda está em relação de superioridade a uma homossexual feminina, portanto, mulher.



Contudo, ao realizar pesquisas com jovens no município de Uberlândia, Minas Gerais, observamos certas divergências dessa forma geral de ordenamento social. Observamos jovens cujo estilo de vida está voltado aos usos e desusos da cultura pop japonesa, vale dizer, sua ressignificação em terras brasileiras. Assim, antes de ser uma contribuição exclusiva do pop japonês, apresentamos uma leitura particular sobre esse pop japonês, que nos informa sobre novas formas e expressões não ocidentais para lidar com certas ações ou performances sociais.

Cultura Pop Japonesa: A identidade Otaku

Sim. Cultura Pop japonesa. Ao longo de dois anos, acompanhamos jovens no município de Uberlândia que fazem usos e desusos de elementos da Cultura Pop Japonesa⁴.

A Cultura Pop Japonesa é uma dinâmica cultural que propaga elementos como desenhos animados (animês), quadrinhos (mangás), séries de super heróis (tokusatus), jogos eletrônicos, rock/pop japonês (e seus ídolos), dentre outros. É um fenômeno exclusivo do período pós Segunda Guerra no Japão, vindo a atingir seu ápice juntamente com os milagres econômicos de um Japão reconstruído pós-guerra. Atualmente, o pop japonês é disseminado pelo mundo através das tecnologias de globalização, fazendo com que cresça o número de jovens que se voltem à ressignificação dessa cultura (LUYTEN, 2005, NAGADO, 2007, SATO, 2007). No Brasil encontramos diversos eventos que reúnem esses jovens que, baseados em elementos de uma terra além-mar, modificam seu estilo de vida e, como apresentaremos aqui, até mesmo a própria construção social de gênero. Animês, Mangás, Tokusatus, Cosplays, J-Rock/Pop, dentre outros, são elementos que ganham o cenário no palco identitário desses indivíduos em um mundo cujas fronteiras foram redimensionadas (CACLINI, 2008; MONGIN, 2009).

Tais jovens foram apresentados por Barral (2000), como pertencentes à categoria Otaku, ou, para o termo nativo: Otaku-Zoku⁵. Um grupo aficionado pelo consumo de elementos do pop japonês. Assim, os Otaku possuem todo um aparato semiótico de ressignificação cultural do próprio mundo em que vivem. Imersos nas mais diversas tecnologias, tais jovens entram em contato com novas possibilidades e modelos de expressão de identidades, sobretudo as de gênero. É comum entre eles alguns termos, tais como *yaoi*, *yuri*, *bishounem*, *bishoujo*, *seme*, *uke*, dentre outros. Tanto é comum, que tais termos orientam a conduta desses jovens que, não seguindo à risca as tradicionais construções de gênero, criam novas possibilidades de expressão.

⁴ Maiores desdobramentos disponíveis no estudo monográfico de Silva, 2010.

⁵ Otaku-zoku pode ser traduzido como Tribo Otaku. O termo Zoku se tornou freqüente para designar agrupamentos urbanos do Japão movidos por tendências culturais a partir da década de 1980.



Os animês e mangás *yaoi/yuri* são produtos que trazem temáticas acerca da homossexualidade. Sendo os *yaoi* representantes da homossexualidade masculina e os *yuri* da homossexualidade feminina, neles encontramos garotos e garotas se relacionando com contrapartes do mesmo sexo, vivendo dramas e romances homossexuais. Vale apontar que tais representações não são, necessariamente, de cunho pornográfico. Como nos apresenta Sandra Youssef (2004) em sua tese “Girls who like boys who like boys” (Garotas que gostam de garotos que gostam de garotos), observa-se entre os Otaku uma predominância de garotas que gostam da temática da homossexualidade masculina. Algumas até assistem os *yuri*, mas elas se focam nos *yaoi*. Em contrapartida, alguns garotos Otaku gostam de ver *yuri* mas sua preferência é pelas séries *hentai* (pornográficas). Assim, jargões como gay ou bicha, lésbica ou sapata, são substituídos no vocabulário desses jovens por termos como *yaoi* ou *yuri*. Porém, essa dinâmica não se limita à mera substituição de termos. Ela modifica também práticas. Alguns desses jovens⁶, sejam homens ou mulheres, adotam práticas que podem ser consideradas homoafetivas. Jovens que andam abraçados ou de mão dadas, que deitam no colo um dos outros, enfim, que adotam práticas de intimidade que em público se diferem muito das tradicionais relações de gênero entre pessoas do mesmo sexo. Ao substituir os jargões como gay ou lésbica, o conteúdo dos termos *yaoi* e *yuri* adotam um sentido mais brando porque para esses jovens não importa a sexualidade de seus amigos e sim as condutas, os conteúdos e usos dos elementos identitários da cultura pop japonesa.

Informando e orientando sua conduta por um estilo identitário-cultural, esses jovens vão além. Seguindo certos elementos de uma estrutura de gênero prévia são comuns as expressões “ativo” ou “passivo” para designar e até mesmo categorizar quem penetra ou é penetrado numa relação sexual, ou, transpondo para o plano social, quem é mulher e quem é o homem, visto que a mulher é sempre penetrada e o homem jamais deve se permitir ser penetrado. Baseado nessa construção, tipicamente social, alguns Otaku costumam realizar representações de si perante outros. Os termos “ativo” e “passivo” são substituídos por “seme” e “uke” respectivamente e, simulando (ou não), relações de afetividade ou namoro, podemos observar jovens chamando uns aos outros de *yaoi* ou *yuri* e, dentro dessas relações, contextualizar-se e colocar-se como “seme” ou “uke”, ou seja, como ativos ou passivos numa relação por vezes fictícia, mas que informa condutas e representações.

⁶ Mesmo que novos elementos da cultura pop japonesa estejam presentes nas relações sociais, não desejamos desconsiderar a estrutura previamente consolidada, sobretudo porque não há uma homogeneidade na postura dos otakus quanto às questões de gênero.



Notamos, assim, um borrar das identidades de gênero onde o que define os papéis não são as práticas de sexualidade, mas a representação dessas práticas. Esses jovens apresentam um cartão de visitas através de seu vocabulário, vestimentas e gestos, oriundos da influência dos elementos tecnológicos que compõem suas vidas (EUGÊNIO, 2006)

Isso não é, senão, o que Teresa di Lauretis (1994) apresentou como tecnologias do gênero. Existem aparatos semióticos, tais como o cinema que fornecem modelos de representação de gênero. Nos filmes, há sempre um herói bonito, másculo e que executa a ação enquanto a mulher está sempre lá, à espera para ser resgatada, passivamente aceitando sua condição de adormecida, prisioneira ou enfeitiçada.

De forma similar, os jovens que acompanhamos estão submetidos a essa tecnologia de gênero através dos animês e mangás que assistem e/ou lêem. Tais elementos tecnológicos de gênero trazem novos estilos, orientais ou não, às representações que fazem de si e de suas sexualidades. Assim, não apenas categorias como *yaoi* e *yuri*, mas *bishoujo* e *bishounem* também estão presentes. Os *bishoujo* e *bishounem* são representações de “garotas bonitas” e “garotos bonitos”, respectivamente. Não são necessariamente homossexuais, mas trazem homens e mulheres elegantes, refinados, fortes, inteligentes, etc. Algo próximo aos Grandes Homens apontados anteriormente, mas agora também aberto às mulheres. Disso, resulta certa tendência a uma androginia, pois os *bishounem* (garotos bonitos) possuem traços efeminados e as *bishoujo* (garotas bonitas) possuem traços masculinizados. Tal androginia é apropriada por esses jovens que pintam seus cabelos das mais diversas cores, usam os mais diversos acessórios de suas séries prediletas e se comportam com maneiras únicas de sociabilidade que vezes ultrapassam limites sociais ortodoxos⁷.

Então, como entender o gênero através de um grupo tão moldado por tecnologias e tão desviante dos modelos tradicionais? Qual é a identidade de jovens que colocam em crise os modelos ortodoxos constitutivos das relações de gênero? Recorremos, portanto, a um breve debate acerca da temática das identidades, sobretudo a pós-moderna, em que o indivíduo é capaz de adotar e representar, agregando para si diversas identidades através da sua trajetória de vida.

A crise do paradigma da identidade

⁷ Sobre o vestuário que engloba elementos da cultura pop japonesa, temos um estilo que mescla gótico com andrógino, onde os jovens (maioria masculina), utilizam cabelos coloridos e estilizados, juntamente com a clássica maquiagem gótica, buscando um estilo sombrio e ao mesmo tempo chamativo. Esse estilo é conhecido como estilo Kei.



A questão da identidade é pauta constante nos debates das Ciências Sociais. De acordo com Stuart Hall (2003), o que motivou tal debate foi a possibilidade das velhas identidades, aquelas que estabilizavam o mundo social, estarem em declínio, dando margem ao surgimento de uma infinidade de novas identidades, apresentando a fragmentação do indivíduo moderno/contemporâneo. É nesse eixo de discussão que nos deparamos com a “crise de identidade”. Como encaramos o indivíduo e sua identidade na sociedade contemporânea? Sobre isso, Hall nos apresenta um panorama a partir de três grandes concepções sobre indivíduo e identidade.

A primeira se remete ao sujeito forjado pelo Iluminismo, numa concepção de pessoa totalmente centrada e unificada, repleto de capacidade de razão, cuja essência individualizada pertencia ao sujeito desde o seu nascimento, sendo o indivíduo autônomo e auto-suficiente, sem que nada exterior interferisse. “O centro essencial do eu era a identidade da pessoa” (Hall, 2003:11).

A segunda é a do sujeito sociológico. Tal concepção preenche o vazio entre o “eu” e o mundo exterior. Ela reflete a complexidade do mundo moderno e leva em consideração vários sentidos e símbolos formados nas relações com outras pessoas, sobretudo àquelas significativas ao indivíduo. Assim, a interação entre o “eu” e a sociedade agregava o indivíduo à estrutura de sua sociedade, vale dizer, do seu meio cultural, tornando-o também um indivíduo que mantém um “eu”, uma essência interna, modificando apenas a sua exterioridade de acordo com as relações sociais a que era submetido.

Por fim, Hall nos apresenta uma terceira concepção: o sujeito pós-moderno. O mundo contemporâneo está submetido a tantas mudanças que elas não deixariam de afetar o indivíduo. A contemporaneidade vem modificando o indivíduo numa frequência nunca antes vista, fragmentando-o. Esse processo faz surgir várias identidades e

[...]o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2003:12-13, *passim*).

Assim, se modelos antigos não mais surtem efeitos para pensar a dinâmica identitária e agora temos um sujeito, um indivíduo plástico, moldável em múltiplas identidades conscientemente escolhidas ou representadas (VELHO, 1999; 2002), como então encarar uma temática candente de



discussões e dúvidas como a de gênero? Como encontrar respostas para a construção de gênero entre esses jovens?

Somente adotando a terceira concepção de Hall (op.cit), aliada aos elementos constitutivos de gênero, podemos encontrar indícios da formação da identidade de gênero entre os Otaku. Ela seria um fragmento, mais uma das várias identidades que comporiam os processos de identificação desses jovens – e isso não está longe de ser verdade. Além de serem Otaku, tais jovens são filhos, amigos, membros de organizações, estudantes e muitos deles pertencem também a grupos e estilos contemporâneos variados. Alguns se identificam com estilos musicais tendendo ao rock/hardcore. Outros representam, quando não são estigmatizados, um grupo chamado “emo”. Alguns são rotulados por uma suposta identidade “playboy” ou “patricinha”. Outros preferem parecer “normais” para não serem estigmatizados como Otaku. Há também aqueles que reafirmam as práticas Otaku constantemente, mantendo sempre a representação dessa identidade. Dentre eles há até mesmo os religiosos, que apesar de todas as críticas que muitas religiões fazem sobre o mundo simbólico Otaku, ainda assim adotam a identidade.

Somente considerando um “eu” repleto de identidades, contraditórias ou não, que se configuram e desconfiguram num ritmo caótico na tentativa de acompanhar as mudanças contemporâneas, é que podemos fixar bases para entender o gênero entre esses jovens. Os variados pertencimentos a mundos sociais distintos lhes garantem uma plasticidade de identidades. Uma identidade pertencente a sujeitos contemporâneos que, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, são confrontados com novas possibilidades de identidades que podem compor o sujeito, mesmo que temporariamente. São projetos individuais de identidade compostos e formados num *campo de possibilidades*, operando “a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos (...) podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios” (VELHO, 2003:46).

Sua fragmentação enquanto indivíduo em momento algum encontra problemas em incorporar os novos elementos de gênero provenientes da cultura pop japonesa. Sua identidade vai sendo formada pela combinação de elementos que extrapolam as esferas do que é masculino e do que é feminino, mesmo tendo esses padrões como orientação.

Por estarem em grupo, numa sociedade cujos indivíduos comportam diversas identidades em seu “eu”, a sua identidade, vale dizer, a identidade de gênero Otaku, se forma pelos fragmentos do pop japonês, pelos atributos impostos/esperados pelo próprio grupo Otaku através de interações que possibilitam adotar tal identidade, pela relação com diversos outros segmentos e identidades que



compartilham com seus membros e, por fim, pela influência da tecnologia de gênero que prescreve e insere novas formas de conduta e padrões de relações.

Assim, diferentemente do fenômeno Otaku no Japão, que garante identidade através de uma prática individualista, no Brasil ser Otaku possui outro significado. Aqui os Otaku andam em grupos, se comunicam constantemente - mesmo que através da virtualidade -, vão a eventos e reuniões de cultura jovem japonesa - muitos acompanhados de seus parceiros(as) -, se expressam através do corpo e fantasias de seus personagens favoritos. Enfim, compartilham atividades em comum da cultura pop japonesa através de sua releitura, formando assim uma identidade singular que combina o caráter plástico de suas identidades pós modernas com os elementos de gênero propiciados pelas suas relações com o mundo ressignificado da cultura pop japonesa. A identidade Otaku coexiste com várias outras no “eu” daqueles jovens em um processo constante de reconfiguração das diversas identidades que compõe o ser jovem contemporâneo.

Referências

BARRAL, É. **Otaku**: os filhos do virtual. São Paulo: SENAC, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2003.

BUTTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

EUGÊNIO, F. "Corpos Voláteis. Consumo e cosmética de si ou fragmentos da cena moderna carioca". In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FRASER, N. "Políticas feministas na era do reconhecimento: uma abordagem bidimensional da justiça de gênero". In: BRUSCHINI, C; **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: 2002, p.63.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAURETIS, T. A. "A tecnologia do gênero". In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LUYTEN S. B. (ORG). **Cultura Pop Japonesa: animê e mangá**. São Paulo: Hedra, 2005.



- MONGIN, O. **A condição urbana**. A cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- NAGADO, A. **Almanaque da Cultura Pop Japonesa**. São Paulo: Via Lettera, 2007.
- SATO, C. **Cultura pop Japonesa**. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.
- SILVA, F. **Otaku**: A experiência do pop japonês. 2010. Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia. 2010
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para os estudos históricos?** Educação e Sociedade, Porto Alegre, 1990.
- TAVARES, H.O.R; **Gênero: uma categoria de análise do social**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Uberlândia, vol.1,n.2, pp.49-54. 2010.
- VELHO, G. **Individualismo e Cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____, G. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das sociedades complexas. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- WELZER-LANG, D. “A Construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia” In: **Estudos Feministas**, ano 9. p.461-481. 2º Semestre de 2001.
- YOUSSEF, S. **Girls who like boys who like boys**: ethnography of online slash/yaoi fans. 2004. Disponível em: <<http://www.yuuyami.com/luce/thesis.pdf>>. Acessado em: dez.2009.